

# FESTA DA ALMA MILAGROSA, SIMBOLISMO DE UM RITUAL DE AFLIÇÃO\*

Sergio F. Ferretti  
Universidade Federal do Maranhão - Brasil

**Resumo.** Ritual popular no interior do Maranhão que funcionou durante 40 anos até o falecimento de seu organizador, realizado, com fogos, ladainha, velas, cachaça e dança de tambor diante da sepultura da Alma Milagrosa. Revela sincretismo com crenças do catolicismo popular, do folclore e no poder das almas. Turner (1972) mostra que os rituais preservam modelos de conduta coletiva e armazenam informações sobre a sociedade. Os rituais de aflição visam ajudar os que acreditam terem sido atingidos por doença, infelicidade, espíritos ancestrais, mágicos ou feiticeiros. A festa da Alma Milagrosa em Rosário pode ser considerada como ritual de aflição para apaziguar um espírito ancestral restabelecendo a ordem e colaboração social. Conforme Bourdieu (1974), seu organizador é um profeta ou empresário independente de bens de salvação. Com seu falecimento a festa não tem sido realizada por não ter surgido outra pessoa com o mesmo carisma e devoção.

**Palavras-chave:** sincretismo, catolicismo popular, culto às almas, folclore.

**Abstract.** This was a common ritual which existed in the countryside of Maranhão for forty years until the death of its organizer. It boasted fires, recitals, candles, cachaça (Brazilian alcoholic drink made from rice), and tambor (drum) dances and takes place in front of the tomb of the Miraculous Soul. Its reveals the syncretism with beliefs of popular Catholicism, folklore and with the power of souls. Turner (1972) showed how the rituals preserved models of collective behavior and store information about society. The rituals of affliction help those who believe that they have been affected by illness, unhappiness, ancestral spirits, magicians or wizards. This party in Rosário can be considered a ritual of affliction performed to appease an ancestral spirit and reestablish social order and collaboration. According to Bourdieu (1974) its organizer was a prophet or a businessman who was independent of both wealth and salvation. With his death the party has not taken place since nobody else has taken up the challenge with the same devotion and charisma.

**Keywords:** syncretism, popular catholicism, soul cult, folklore.

Na cidade de Rosário, próximo a São Luís, anualmente, até 1998, realizava-se a festa da Alma Milagrosa. No Brasil o culto a almas milagrosas é muito difundido. Angelina Pollak<sup>1</sup>, antropóloga austríaca radicada na Venezuela, cita a devoção a almas naquele país, em outros países da América Latina, inclusive na Europa e em várias regiões do Brasil. Diz que na Argentina o túmulo de Carlos Gardel é repleto de placas votivas agradecendo sua intervenção em diversos casos. Comenta a existência de almas milagrosas em vários Estados do Brasil e considera o culto ao padre Cícero em Juazeiro, como exemplo de culto a uma alma milagrosa.

No Maranhão, como em outras regiões, é comum se encontrar nas estradas cruzeiros ou capelas votivas que comemoram mortos locais. Um dos mais conhecidos, não muito distante da cidade de Rosário, é o túmulo do Pardinho, à margem da estrada que liga a cidade de Codó à rodovia São Luís-Terezina, onde foi construída uma capela que está permanentemente ornada com velas e ex-votos.

A devoção aos mortos, teve grande importância no passado<sup>2</sup>. No século XIX a Irmandade das Almas era importante em São Luís e em outras cidades do Maranhão. Em todo o Brasil é comum a devoção a São Miguel, que pesa a alma dos mortos e a disputa contra o demônio. Em Rosário, por exemplo, existe o povoado de São Miguel dos Índios. No tambor de mina do Maranhão, no dia de São Miguel é comemorada a festa do Rei da Balança, de grande importância no calendário afro-maranhense uma vez que as imagens de São Miguel o representam segurando uma balança que pesa as almas dos mortos.

## A cidade e a festa

Tomamos conhecimento da existência em Rosário da festa da Alma Milagrosa entre 1975 e 1978. Na ocasião entrevistamos algumas vezes seu organizador, o senhor José Paulo, que forneceu informações sobre a mesma (Ferretti *et alii*, 1977, 2002 [1979]). Em 1992, 1993 e em 1996, com estudantes do Curso de Ciências Sociais da UFMA, voltamos a assistir e documentar a festa, entrevistando novamente algumas vezes o senhor José Paulo. A festa costumava ser realizada no sábado antes do Natal. No dia 21 de dezembro de 1996 ele organizou a 37ª Festa da Alma Milagrosa, conforme o convite impresso que recebemos.

Nesta data tivemos a oportunidade de assistir novamente sua festa. Em dezembro de 1999, poucos dias antes de realizar a 40ª festa, seu organizador faleceu de câncer e depois disso, ao que soubemos, a festa não voltou a ser realizada.

Pesquisas que realizamos em Rosário nos levaram a esta festa quando tomamos conhecimento que nela se dança a noite inteira um tambor de crioula em pagamento de promessa ao lado de uma sepultura, considerada como pertencente a uma Alma Milagrosa. No relato sobre a dança do lelê, além de comentar a festa da Alma Milagrosa, apresentamos informações de caráter histórico sobre o Município de Rosário (Ferretti *et alli*, 1977: 11-12), retiradas da bibliografia disponível.

Rosário dista 75 kms de São Luís e se localiza à margem do Rio Itapecurú, que foi no período colonial, uma das vias fluviais de penetração no Maranhão. À margem do rio, pouco abaixo da cidade, encontram-se ruínas do antigo Forte de Vera Cruz, também chamado do Calvário, onde no século XVII foram travadas batalhas contra franceses e holandeses. O forte foi utilizado desde o período colonial, pelo menos por mais de duzentos anos, até a época da Guerra da Balaiada, terminada em 1841. A região foi habitada e colonizada por índios, brancos e negros. Próximo a Rosário, os antigos povoados de São Miguel dos Índios e de São Simão testemunham a importância respectiva dos contingentes indígena e negro na área.

Conforme dados de Belarmino de Mattos nos Almanques do Maranhão de 1863 e 1866, citados no referido trabalho, Rosário possuía fábricas de fogos, de cal, senhores de engenhos de açúcar, lavradores e negociantes de algodão e de gêneros alimentícios, criadores de gado, proprietários e trabalhadores em olarias, alfaiates, marceneiros, ferreiros, ourives, professores públicos, músicos clarinetistas, rabequistas e violinistas e outros profissionais, além de um teatro com 300 lugares.

A partir de 1921, recebeu ligação ferroviária com São Luís e Teresina, hoje em declínio e, posteriormente, por rodovia asfaltada, com a capital e outras cidades. Até hoje tem importância regional na produção, entre outros, de gêneros alimentícios, cerâmica, redes, aguardente e mobiliário. A cerâmica, o mobiliário e a agricultura eram até pouco tempo os principais produtos da cidade. Destaca-se também a produção de coco babaçu, arroz, farinha de mandioca, açúcar, aguardente, frutas, gado e pesca. A cidade é habitada por pequenos comerciantes, funcionários públicos, empregados de pequenas indústrias e serviços e

por trabalhadores agrícolas que se espalham pelos subúrbios e povoados, constituindo-se numa comunidade com características rurais. A partir da década de 1980, com o funcionamento do porto do Itaqui e do complexo da Alumar, em São Luís, indústrias metalúrgicas, de confecções e outras, começaram a se estabelecer no Município de Rosário, que está se transformando num pólo industrial. Está planejada a construção de uma rodovia com finalidades turísticas, ligando São Luís à Fortaleza, que corta a cidade e deve passar próximo ao local onde se realizava a festa.

Devido à proximidade com a capital, Rosário é uma cidade que acompanhou a evolução histórica do Maranhão em seus ciclos econômicos e em suas tradições culturais. Na cultura popular destacam-se entre outras manifestações, o bumba-meu-boi, o tambor de crioula, a dança do lêlê e o tambor de mina. Nos últimos anos a região está atravessando grandes transformações. A música reggae e a cultura de massas têm penetrado amplamente nesta como em outras regiões do Estado, acarretando transformações na cultura tradicional.

## A promessa e a festa

A festa da Alma Milagrosa foi realizada todos os anos, entre 1959 e 1998, pelo estivador aposentado, José Paulo Serra da Silva, natural de Rosário, que faleceu com pouco mais de 60 anos de idade. José Paulo afirmava que se tratava de uma promessa e não de uma festa. Promessa feita por uma antiga companheira sua, quando ele estava em risco de vida e que deveria cumprir enquanto vivesse.<sup>3</sup> O filho mais velho de José Paulo tinha onze anos, a última vez em que o vimos e ele dizia que quando não estivesse mais vivo achava que a festa não iria continuar.<sup>4</sup> Na ocasião disse que gostaria de viver mais 37 anos para organizar outras 37 festas.

Sobre o culto da Alma Milagrosa em Rosário, José Paulo informou que, segundo parentes mais velhos e pessoas antigas da região, em fins do século passado, a cidade foi assolada por uma epidemia de bexiga (varíola), que matou muita gente, havendo casas em que morriam todas as pessoas. O cemitério antigo não teve mais condições de receber outros mortos e foi fechado, preparando-se novo local para enterrar os mortos. Quando a epidemia passou, o local foi abandonado e o mato cresceu. A Alma Milagrosa é considerada como pertencendo a uma

pessoa que morreu naquela epidemia e cuja sepultura foi a única<sup>5</sup> que permaneceu bem conservada por muito tempo. Por isso tornou-se lugar de pagamento de promessas, sendo acesas sempre velas na sepultura, no meio do mato, a beira do caminho, na entrada da cidade, próximo ao cemitério atual.<sup>6</sup>

Quando o conhecemos, por volta de 1976, José Paulo residia em São Luís e se mudava para Rosário na época da festa. Depois de organizar a festa por vários anos, José Paulo arrendou o terreno à Prefeitura e construiu uma capelinha sobre o túmulo. Passou a residir numa casa localizada atrás da capela, com entrada para a outra rua. Todo ano ele organizava a festa que era preparada com grande antecedência e com inúmeras dificuldades. Muitas vezes, na época da festa, costumava ter problemas de saúde, que interpretava como se a Alma estivesse querendo provar a sua fé.

José Paulo contou que em 1988, alguns dias antes da festa, estava arrumando a capela e caiu do telhado. Disse que parece que a escada foi puxada por alguém e ele caiu sobre pregos que havia colocado no beiral. Cortou-se todo, quase morreu e teve que ficar durante a festa pedindo a outros para ajudá-lo. Contava diversos outros casos semelhantes e acreditava que a Alma às vezes parecia querer experimentá-lo para ver se ele tinha paciência de continuar. De acordo com a promessa, ele deveria realizar a festa todos os anos que pudesse e não deixou de fazê-la até morrer. Esperava ter muitos anos de vida para realizar a festa ainda durante muito tempo. A realização da festa constituía-se para ele motivo de orgulho e grande alegria.

O programa da festa de 1996 incluiu a explosão de seis girândolas de 96 foguetes cada uma, ao amanhecer, ao meio-dia, ao anoitecer, às 20:00 hs, às 22:00 hs, antes de começar a festa, para a visar a todos e a última, ao amanhecer do dia seguinte, anunciando o seu término. A festa se iniciava com uma ladainha e continuava com toques de tambor de crioula durante a noite toda. José Paulo possuía duas pares de tambores que se revezam para não parar os toques. Durante a noite servia cachaça a vontade, guardada em grande depósito de alumínio e servida com uma cuia. Todos os anos ele comprava, desde cedo, 100 litros de cachaça para servir na festa. Após a ladainha e durante a noite, José Paulo oferecia doces e refrigerante aos presentes e refeições aos amigos que vinham de mais longe. Também procurava dar uma lembrança ou agrado aos que o ajudam tocando e cantando.

A festa era muito concorrida, sendo participada por moradores da cidade, dos povoados e municípios vizinhos. O terreno e a rua em frente ficavam cheios de gente. Mulheres vendiam frutas, doces e bebidas e homens armavam mesas de jogos com bastante movimento. Pessoas conversavam, bebiam e dançavam até tarde. José Paulo estimava que mais de duas mil pessoas freqüentavam a festa nos últimos anos. Como era realizada num fim de semana próximo ao fim do ano, havia outras festas em bares da redondeza e às vezes costumavam ocorrer violências com discussões e morte nas proximidades, como constatamos mais de uma vez. Como era servida gratuitamente muita cachaça na festa, para evitar problemas e brigas, José Paulo pedia aos que levaram alguma arma, como faca ou revólver para se defender no caminho, que a deixasse sob sua guarda em sua casa. José Paulo se orgulhava em afirmar que nunca ocorria violência em sua festa.

A cada ano ele procurava fazer alguma melhoria no lugar da festa. Dentro da capela há um painel de azulejos, pintado por alguém, agradecendo a uma graça. Em 1996, com a ajuda de amigos, conseguiu cimentar o pátio em frente da capela, pois disse que dava muito trabalho ter que estar sempre tirando o capim durante o inverno. Construiu também um longo banco ao redor do terreno, para maior conforto dos que passavam a noite na festa e nos disse que gostaria de conseguir dois metros do terreno ao lado para ter mais espaço para a realização da festa.

O tambor de crioula em Rosário tem ritmo mais lento do que o de São Luís. É dançado por mulheres, na maioria idosas, tocado e cantado por homens. As mulheres, geralmente descalças, com roupas comuns e saia rodada, costumam dançar uma de cada vez, no centro da roda. Há cânticos conhecidos ou de improviso, que lembram algumas toadas “choradas” da dança do lêlê<sup>7</sup>. Outra característica do tambor em Rosário é a punção de homens. Ao lado da dança das mulheres, como é comum na região, grupos de homens, aos pares, realizam a punção dos homens, dando alguns passos, acompanhando a música, um tentando derrubar o outro ao chão, com uma violenta pernada, mantendo juntas as duas pernas, provocando risos e palmas da assistência. O vencedor convida logo outro parceiro para novos passos. Para os que observam, a punção dos homens pode apresentar características homoeróticas. O grupo que toca, os cantadores ao lado e numerosa assistência, envolvem os dançarinos acompanhando a animação da festa.

Ao amanhecer os tambores se aproximavam da sepultura e tocavam uma marcha dançada por mulheres segurando a imagem de São Benedito. Depois se cantavam cânticos lentos e chorados, de oferecimento e despedida. Após a reza era servido um almoço aos participantes. Em 1992 foram servidas até as oito e trinta da manhã, mais de 200 refeições, preparadas com um porco e um leitão, (cuja carne é considerada boa para cortar o efeito da bebida) e com 19 galos, seis patos e 15 quilos de farinha. Amigos e vizinhos ajudavam e colaboravam. Em 1996 cerca de quinze senhoras passaram o dia ajudando a preparar a comida, inclusive uma pessoa que cozinha na Casa das Minas de São Luís, nascida na região e que já ouvira falar da festa muitas vezes, mas não tinha participado antes.<sup>8</sup>

José Paulo costumava anotar e sabia de cor as despesas que com a festa durante vários anos, com a compra de alimentos, fogos, bebidas, doces, velas, lâmpadas, bandeiras, material de limpeza da área e de construção e manutenção da capela. Disse-nos que em 1995 gastou R\$ 1.273,00 (um mil duzentos e setenta e três reais) e que em 1996 deveria gastar mais. Em 1995 ele matou dois porcos que pesaram 140 quilos. Em 1996 matou três porcos que pesavam mais de 220 quilos e no mesmo dia conseguiu quatro leitões que iria criar para a próxima festa.

Os participantes da festa costumava ser convidados por avisos transmitidos pela rádio local. Muitos eram estivadores, seus antigos colegas, operários, trabalhadores da cidade e lavradores do interior, que traziam parentes e amigos. Os tocadores de tambor conhecidos na região acompanharam a festa durante vários anos, como o cantador Zé Filomeno, na época com 83 anos e o tocador Zé de Lins, que vinha de Icatú. Muitas das mulheres que dançavam eram “curadeiras” e dançantes de tambor de mina ou de umbanda. Parentes de José Paulo residentes em Rosário e devotos também colaboravam na organização da festa, mas José Paulo era o responsável principal.

Jose Paulo dizia que muitas pessoas costumavam pagar promessas à Alma Milagrosa, durante todo o ano e em especial no dia de sua festa, geralmente por problemas familiares, pedido de emprego, de saúde ou outros, mas não costumavam falar sobre os tipos de problemas que os afligiam. Os devotos traziam sempre ex-votos de cera, caixas de velas ou colaboravam dando ajudas para a realização da festa. Fato curioso que consideramos interessante destacar, segundo nos informou José Paulo, foi a presença na festa da Alma Milagrosa que o salvou

da morte, do homem que o atacou e quase matou em 1959 e que algumas vezes vinha assistir a festa, como constatamos em 1992.

Muitas velas eram acesas ao redor da sepultura e no pequeno altar atrás do túmulo, bem ornamentado com toalha, arranjos de flores e imagens de São João, São Benedito e um crucifixo. Na hora da ladainha os tambores se aproximavam da sepultura para participar da reza. A ladainha era acompanhada por alguns instrumentos e cantada principalmente por mulheres, muitas permanecendo de joelhos. A reza durava cerca de 40 minutos. Em 1996 foi cantado ao final um hino à Alma Milagrosa, do qual foi distribuído cópia impressa, assinada por José Paulo.

A ladainha que marcava o início da festa e era repetida de manhã, assinalando seu encerramento ou a entrega da festa, eram os momentos religiosos mais significativos. José Paulo ficava muito emocionado, algumas vezes chorava, parecia que ficava em estado de êxtase ou de transe religioso. Outras pessoas também ficavam bastante emocionadas, alguns discretamente às vezes recebiam no transe entidade protetora.

Durante a semana da festa José Paulo conseguia com a companhia de iluminação, autorização para iluminar o local da festa mediante o pagamento de uma taxa. No terreno vazio ao lado, que pertence à Companhia de eletricidade, pessoa conhecida de José Paulo organizava, na véspera e no dia da festa, uma seresta com radiola e venda de bebidas. Uma pessoa nos disse uma vez, que José Paulo ganhava dinheiro com este baile. Alguns às vezes reclamavam do barulho alto das caixas de som que atrapalhava o tambor de crioula. José Paulo parecia manter boas relações com os organizadores e não reclamava. Considerava que a seresta facilitava a venda de cerveja para os que quisessem e ajudava a chamar mais gente. Durante a reza pedia para baixarem o volume da radiola.

Em 1996 José Paulo participou em São Luís de um encontro de grupos de tambor de crioula, organizado pelo Centro de Cultura Popular da Secretaria de Estado da Cultura. Conheceu então diversos chefes de grupos de tambor de crioula de São Luís e convidou seu Leonardo, dono do Boi da Liberdade e de famoso grupo de tambor de crioula da capital, para ir participar da festa. Conseguiu colocar um ônibus à disposição do grupo de seu Leonardo, que participou sua festa de 1996, levando 18 dançantes, diversos músicos e cantadores. Dançantes e tocadores de Rosário, no início parece que ficaram um pouco inibidos com a presença de um grupo numeroso de dançantes e tocadores de

fora. José Paulo demonstrou grande alegria pela presença do grupo de Leonardo abrilhantando a festa.

Em agosto de 1997, José Paulo, trazendo brincantes do tambor de crioula de sua festa, participou em São Luís do IIº Pungar, mostra organizada pelo Centro de Cultura Popular da SECMA, com a presença de grupos de tambor de crioula do interior, enfatizando suas variações e diferenças. Soubemos que a apresentação do tambor de crioula da Alma Milagrosa fez sucesso, sobretudo pela presença da punção dos homens, que não é muito conhecida no tambor de crioula de São Luís e que tem algumas semelhanças com passos da Capoeira, além de outras curiosidades e interesses.

José Paulo nos disse que estava querendo conseguir roupas iguais para as dançantes e para os tocadores em sua festa, como as existentes no grupo de seu Leonardo e em outros de São Luís. Disse-nos também que queria ver se conseguia uma imagem maior de São Benedito, embora tenha ressaltado que “o milagre que faz um santo faz o outro”. Em relação à Igreja, disse que já houve missas celebradas por padres na sua capela, por insistência de promesseiros, mas a promessa dele não inclui missa, os padres são sempre muito ocupados, faziam diversas exigências e dificilmente podiam ir lá durante a festa.

José Paulo se considerava católico e muito devoto. Dizia que gosta também de freqüentar seções de tambor de mina ou de umbanda. Contou-nos que uma vez, num tambor de mina, um “encantado” lhe disse o nome da Alma Milagrosa. “O encantado disse que ele não deve revelar a ninguém o nome da Alma, pois quando alguém morre e vai para um bom lugar perto de Deus, se outras pessoas pedirem ajuda em seu nome e ele descer para atender, pode perder o lugar que ocupa perto de Deus e ser substituído por outro”. Uma vez, ao término da festa, uma senhora sua amiga, já falecida, que trabalhava com “invisíveis”, veio lhe perguntar se ele conhecia ou se já tinha visto a Alma Milagrosa. Ela disse que “se ele não viu, não a quisesse ver, se não conhecia não a quisesse conhecer, e que se não cumprisse a promessa iria ver morrer todas as pessoas de sua família. Mas ia chegar o dia em que ele iria ver aquela Alma”. Depois a senhora ficou chorando muito e José Paulo achava que foi a Alma que se apossou dela e estava ali perto emocionada com a festa que devia lhe trazer muita luz e alegria.

## Considerações sobre a festa, o rito e seu organizador

José Paulo pode ser classificado, na perspectiva de Bourdieu (1974: 60), como profeta ou um empresário independente de bens de salvação, embora sem pretensões de “produzir e distribuir bens de salvação de um tipo novo”, colocando-se em pólo oposto à gestão oficial dos bens sagrados. Segundo Bourdieu, a fama do profeta depende de sua própria pessoa, e “também do grau em que contribui para a subversão da ordem simbólica vigente... para a reordenação simbólica desta ordem, ou seja, a dessacralização do sagrado... e para a sacralização do sacrilégio” (*id. ib.*).

Assim, pagando uma promessa com uma dança realizada ao lado de uma sepultura, e conversando com os “encantados”, ele contribuiu para tornar difusos os limites entre o sagrado e o profano e para a manipulação profana dos bens sagrados. Organizado a festa independente de qualquer instituição, José Paulo assumiu características de um profeta, pelo recalque do poder temporal, pelo ascetismo, fazendo grande esforço para realizar anualmente a festa, pela renúncia ao lucro e à ambição de exercer um poder religioso (Bourdieu, 1974: 61), embora certamente a festa lhe fosse uma fonte de prestígio. Ele não subordinava suas práticas a uma instância religiosa específica (catolicismo ou religiões afro-brasileiras). Manteve-se fiel à organização da festa durante quase quatro décadas. Todo este tempo, mediante seu carisma, preocupou-se em investir esforços e recursos para melhorar e ampliar o culto e a festa da Alma Milagrosa.

Segundo Bourdieu (1974: 84), quanto maior o peso da tradição camponesa, mais a religiosidade popular se orienta para a magia, que se distingue da religião pelo seu caráter parcial e imediato. O costume do “*do ut des*”, do “dou para que me retribuas”, a prática freqüente de fazer e pagar promessas, mostra que o homem do povo necessita do sobrenatural e dos espíritos para sua proteção e que estes também necessitam dos homens para receber oferendas nas festas. Segundo Bourdieu:

pode-se falar de interesses propriamente religiosos ... quando, ao lado de demandas mágicas que sempre subsistem, pelo menos em determinadas classes, surge uma demanda propriamente ideológica ... porque os leigos não esperam da religião apenas justificativas de existir capaz de livrá-los da angústia existencial, da contingência e do sentimento de abandono ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte, mas tam-

bém e sobretudo, justificativas sociais de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura social (demandas de compensação próprias das classes desfavorecidas) (Bourdieu, 1974: 48; 86).

Realizando sacrifícios, despendendo energias, tempo e dinheiro para a realização da festa, seu organizador esperava conseguir a proteção para um novo ano de trabalho. Os amigos e vizinhos participantes, pessoas pobres da região, também agradeciam o ano que passou e pediam proteção contra sofrimentos decorrentes de sua condição de membros das classes desfavorecidas, sem esperar grandes transformações em suas condições de existência, fazendo portanto demandas de compensação.

A festa da Alma Milagrosa era realizada numa localidade com características predominantemente rurais, com maioria da população vivendo em condições pouco favoráveis. Nesse tipo de sociedade são fundamentais os laços de parentesco, de compadrio e de vizinhança, que estabelecem uma rede de solidariedade e de cooperação, prevalecendo normas religiosas do catolicismo tradicional de origem ibérica e o sincretismo com valores indígenas e negros. Na religiosidade local, como ocorre no interior do Maranhão, em todo o Norte e Nordeste, como em outros países da América Latina e do Caribe destacam-se, entre outros elementos, o contato com o mundo sobrenatural, a devoção às almas e aos santos, os contatos com espíritos dos mortos, a realização de procissões, romarias e festas de pagamento de promessas, numa convergência de vários tipos de crenças.

O tambor de crioula constitui manifestação cultural típica de negros das classes desfavorecidas e uma forma de preservação da identidade étnica de seus participantes. O tambor de crioula é ao mesmo tempo um ritual de divertimento e de pagamento de promessas (Ferretti *et alli*, 2002). Fato que podia parecer estranho ao observador externo, mas que não causava estranheza aos seus participantes, era a dança ser realizada ao lado de uma sepultura e de se homenagear um morto com danças<sup>9</sup>. Numa das últimas vezes a que assistimos a festa vimos pessoas dançarem tambor de crioula em transe com sua entidade protetora.

A Festa da Alma Milagrosa pode ser incluída entre os ritos piaculares ou expiatórios, na classificação de Émile Durkheim (1989), que não excluem nem a animação nem a alegria. Estes ritos podem também ser considerados ritos de expiação, de aflição ou de infortúnio.

Segundo Turner (1972), um ritual de aflição visa apaziguar um espírito ancestral que pode atormentar os membros de uma comunidade e cuja realização, de certa forma aumenta o prestígio e o status de seu organizador.

Turner (1972: 12), diz que os rituais armazenam ou estocam informações sobre a sociedade em que são realizados e que “o ritual é uma reafirmação periódica dos termos nos quais os homens de uma cultura devem se comportar uns em relações aos outros para que haja um mínimo de coerência na vida social”, que o ritual religioso “transcreve de forma simbólica certos valores chaves e certas orientações culturais”, e que assim, “preservam modelos de conduta coletiva”. Segundo Turner, não há ritos desprovidos de sentido sendo preciso perceber o código cultural que explica os símbolos para se entender seu sistema simbólico e para relacioná-lo à dinâmica do sistema social. Para Turner, (1972: 19) “as estruturas e os processos sociais estão intimamente ligados às estruturas e processos rituais”.

De acordo com o mito que originou o rito, a cura milagrosa de uma pessoa ferida numa briga, foi conseguida pela promessa feita à Alma Milagrosa, cuja sepultura se encontrava próxima à casa do agredido. Conforme o discurso de José Paulo, Alma era considerada Milagrosa porque seu túmulo foi o único a permanecer bem conservado, e por isso teria pertencido a uma pessoa que devia ter sido muito boa em vida e que teria morrido na epidemia ocorrida há muito tempo. Conseguida a cura, ele assumiu a obrigação de realizar anualmente uma festa de agradecimento e para pedir proteção.

Como nos disse José Paulo, o nome da Alma Milagrosa, embora tenha sido revelado a ele por um “encantado” no tambor de mina, não podia ser divulgado para que ela não perdesse o bom lugar que ocupava perto de Deus, se a sua interferência fosse muito solicitada. Assim, como reflexo do que ocorre no mundo dos vivos, as entidades sobrenaturais também competem entre si para se manterem num bom lugar, numa posição de prestígio.

No mundo sobrenatural, como no nosso, poucas pessoas ocupam posições importantes. Como no mundo dos vivos, a Alma pode fazer tanto o bem aos que o procuram e agradecem, quanto pode punir aos que deseja provar ou aos que não cumprem as promessas. José Paulo dizia que diversas vezes a Alma Milagrosa estava testando sua devoção e sua fé, com atribulações e doenças que sempre apareciam antes da festa.

A Alma protegia o organizador para que ele sempre tivesse condições de trabalhar e de acumular o necessário para continuar a realizar a festa ao fim de cada ano. Procurando fazer a festa cada vez melhor e mais imponente, José Paulo comprovava que suas condições de vida melhoraram, assumindo, portanto, um status superior. Afirmava que os esforços despendidos com a preparação da festa, a alegria manifestada pelos participantes, as orações e velas, traziam luzes e bem estar à Alma Milagrosa e a esperança de bênçãos para um novo ano, ao fim do qual se repetiria o ritual, num retorno constante. No fim de cada festa o organizador distribuía alimentos e presentes aos que participavam e colaboravam com o brilho da festa, esperando continuar contando com a colaboração de todos.

O mito que deu origem à realização da festa reflete problemas humanos de desigualdades, de competição e a necessidade de retribuição para conseguir colaboração. Reflete o desejo de segurança, de proteção, de superação de conflitos, num ambiente incerto. O mito fundamentou a realização de um ritual que pode ser considerado no dizer de Turner (1972), um ritual de aflição, que visava apaziguar um espírito ancestral e cuja realização aumentava o status de seu organizador. Tendo se originado com o restabelecimento de uma doença surgida em consequência de um conflito, pode ser considerado como um ritual que, de forma latente, visava superar conflitos, estimular a colaboração e restabelecer a harmonia nas relações sociais.

No discurso de José Paulo destacamos sua preocupação em abrilhantar a festa com a presença de muitas pessoas. Ele falava na luz acesa de centenas de velas, no brilho dos fogos de artifício, na importância da boa iluminação do espaço com muitas lâmpadas. Considerava que tudo isso trazia luz e alegria à Alma Milagrosa. Esta preocupação parecia refletir a relação simbólica e o contraste entre a luz que representa a vida e a sombra da morte.

No mito e no ritual da festa podemos perceber informações armazenadas sobre a sociedade, como a idéia de que o mundo sobrenatural reflete relações vigentes em nossa sociedade, que são relações de competição e conflito. Pela homenagem a um morto, com danças ao lado de sua sepultura, a festa da alma Milagrosa demonstrava que, para seu organizador e para os participantes, os mortos estão muito próximos aos vivos, pois interferem em suas vidas, alegrando-se com luzes e danças junto à sepultura. Numa sociedade em que a sobrevivência é

difícil e o risco da morte está presente, inclusive nos momentos de lazer, constata-se através do mito e do ritual da festa, a necessidade de se recorrer ao sobrenatural e de se enfatizar a colaboração nas relações sociais.

Referindo-se aos mundos de além-túmulo, Van Gennep (1978: 131) lembra que “a idéia mais difundida é que este mundo é análogo ao nosso, porém mais agradável, e que a sociedade nele acha-se organizada como na terra...”. Analisando os ritos de Osiris, Van Gennep considera que o culto divino e os ritos funerários do antigo Egito tinham a finalidade de ressuscitar diariamente o sol e impedir o morto de morrer novamente. Tendo sido repetida anualmente, a festa da Alma Milagrosa pode ser incluída, na perspectiva de Van Gennep (1978: 149-150), entre os ritos de passagem “que asseguram a mudança de ano” e em que “o período de margem<sup>10</sup> tomava, neste caso, a forma do dia, da semana ou do mês da festa”.

A relação entre sagrado e profano era muito específica nesta festa. Seu responsável tinha a obrigação de organizá-la e não podia se furtar a esta obrigação, que recebeu de uma pessoa que já morreu. Apesar das dificuldades, facilmente constatamos que José Paulo demonstrava alegria especial em cumprir esta obrigação. Sua promessa era paga com a realização de uma festa com tambor de crioula a noite toda ao lado da sepultura. A brincadeira de tambor de crioula junto com os demais elementos do ritual constituíam a forma encontrada de cumprir uma obrigação. Vemos novamente aqui que a obrigação e a brincadeira, como o sagrado e o profano, a vida e a morte, encontram-se muito próximos e interrelacionados.

Se tivesse vivido no século XVI, como o moleiro Menocchio (Ginzburg, 1987), José Paulo, devido a idéias pouco ortodoxas muito provavelmente poderia ter enfrentado o tribunal da Santa Inquisição. Ampliando-se a atuação do Estado no setor da cultura popular e com o interesse que despertam as diferenças e variações de estilo do tambor de crioula em outras regiões do Estado, a punção dos homens do tambor de crioula da festa da Alma Milagrosa de Rosário certamente contribuiu para atrair maior público, aumentar o prestígio e tornar mais conhecida a festa de seu José Paulo, como ele próprio desejava sinceramente. Nos últimos anos José Paulo estava preocupado em conseguir apoio de autoridades da área da cultura e transformar a festa num acontecimento cultural reconhecido pela sociedade mais ampla, que talvez fosse até incluído no calendário turístico da região.

A Festa da Alma Milagrosa não era exclusiva de comunidade negra ou afro-religiosa, embora dela participassem pessoas e componentes de culturas negras. Segundo seu organizador, era sobretudo uma promessa e não exatamente uma festa, como costumava ser denominada. A observação desta festa e a realização de entrevistas com seu organizador foram importantes por possibilitarem o contato e aproximação com participantes de festa em cidade do interior durante momentos de devoção e de lazer, que possibilitam o conhecimento de valores presentes na vida e na cultura popular da região. Nosso objetivo aqui foi retomar e desenvolver observações que esta festa nos despertou, desde que tivemos conhecimento de sua realização. Com o seu falecimento há poucos anos, sua viúva diz que não tem mais condições de organizar a festa. Como vimos, José Paulo, seu idealizador, pode ser considerado como tendo sido um líder religioso carismático e a festa da Alma Milagrosa, como um ritual de aflição incluído no campo do sincretismo das festas religiosas populares no Brasil.

## Notas

\* Trabalho apresentado na XII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo 16-19/10/2003.

<sup>1</sup> Angelina Pollak-Eltz (1989) faz apresentação geral da devoção às almas milagrosas na Venezuela, no quadro da veneração a mortos milagrosos ou santos particulares, não reconhecidos pela Igreja. Enquadra este fenômeno no campo da religiosidade popular, na convergência ou no sincretismo entre o catolicismo popular, com crenças e práticas kardecistas, afro-americanas, umbandistas e de outras procedências. Constata a marginalidade da Igreja Católica neste campo, pois lhe parece que “a essência do catolicismo não atrai a classe popular” (Pollak-Eltz, 1989: 17). Diz que o catolicismo popular na Venezuela, como em outros países sul-americanos, caracteriza-se pela pluralidade, pelo pragmatismo e o utilitarismo, concretizando-se na adoção de práticas de múltiplas procedências e procurando o bem estar aqui e agora.

<sup>2</sup> O escritor maranhense João Francisco Lisboa (1812-1866), publicou em 1851 o folheto intitulado “A festa dos Mortos ou a Procissão dos Ossos”. Informa que a procissão saía às ruas de São Luís na véspera do dia de finados e levava um sarcófago com ossos, seguido por irmandades, padres, banda de música e grande multidão, saindo do Cemitério da Misericórdia e percorrendo diversas ruas da cidade (Lisboa, 1991: 326-337). No jornal *O Federalista* de 11/11/1905 encontramos também referência à mesma Procissão das Almas saindo às sete horas da noite da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e passando pelas ruas de Santo Antônio, da Cruz, do Sol e do Egito. Em vários lugares do país, como no Rio de Janeiro e em São Paulo, é comum a devoção às Santas Almas, comemoradas com velas acesas em uma igreja, principalmente nos dias de segunda-feira.

<sup>3</sup> A promessa foi feita por sua então companheira, quando José Paulo quase morreu em consequência de briga com um colega por acusação de plágio em toadas de Bumba-meu-boi e por ter conseguido o primeiro lugar entre os bois do interior. José Paulo, que era o amo do boi, foi considerado o mais jovem cantor que se apresentou em São Luís. Quem o atacou foi o cantor que se apresentou no ano anterior e não foi classificado. José Paulo ficou gravemente ferido por uma facada que recebeu na briga. Foi operado durante várias horas e passou muitos dias entre a vida e a morte. Sua então companheira, já falecida, fez a promessa de que se ele ficasse curado, deveria organizar todos os anos que pudesse, uma festa junto à sepultura da Alma Milagrosa, próximo a sua casa. José Paulo ficou doente por três meses e em outubro de 1959, quando pode sair de casa, começou a preparar a primeira festa, realizada em novembro. Mais tarde transferiu a festa para dezembro, no sábado antes do Natal.

<sup>4</sup> Soubemos que atualmente, na data prevista da festa, sua última companheira tem rezado uma ladainha para a Alma Milagrosa com amigos de José Paulo.

<sup>5</sup> José Paulo informava também que poucos metros adiante encontrou vestígios mal conservados, de outra sepultura, que ele considerava como sendo da companheira da Alma Milagrosa.

<sup>6</sup> De acordo com Cesar Marques, no Dicionário do Maranhão, publicado originalmente em 1870, o cemitério de Rosário foi construído pela Irmandade de São Benedito em 1866. Segundo José Ribeiro do Amaral, em “O Estado do Maranhão em 1896”: “O cemitério de Rosário foi edificado em 1855 e consideravelmente aumentado pela Câmara Municipal em 1895, com uma capelinha ao centro”. (Ver Ferretti, *S. et alli*, 1977: 13; 2002: 146). Conforme informações de José Paulo, transmitidas por sua avó que assistiu a epidemia, o terreno daquele cemitério foi mandado preparar pela família de Heráclito Nunes Bostoque. Morreu muita gente na epidemia, casas ficaram vazias e enterravam até as nove da noite. José Paulo disse que o cemitério atual é de 1937 e que o antigo ficava perto de onde hoje é a Caixa d’água. Até 1959 lá era um matagal. O túmulo era de tijolo cru com ladrilhos de 30 cm. Tinha uma cruz de ferro sem um dos braços. Próximo havia vestígios de outro túmulo, com uns oito a dez tijolos, que ele tentou consertar mas não conseguiu. Dom Felipe Condurú Pacheco (1969: 230) informa que no primeiro semestre de 1855 uma epidemia de varíola, que foi agravada pela seca, dizimou parte da Província do Maranhão.

<sup>7</sup> Dança típica da região que estudamos em outro trabalho, (Ferretti *et alli*, 1977). Trata-se de uma espécie de quadrilha mais complexa, em que duas filas de homens e mulheres, dançam tocando castanholas, ao som de flauta, violão, rabeca e outros instrumentos e de cânticos que se prolongam a noite inteira.

<sup>8</sup> Diversas pessoas da Casa das Minas de São Luís são originárias da região de Rosário.

<sup>9</sup> Em muitas sociedades africanas e sobretudo entre os iorubá, é costume realizar festas e danças por ocasião da morte de pessoas importantes. No tambor de mina, como em outras religiões de origem africana, os ritos fúnebres incluem toques de tambor, denominado tambor de choro, zelim ou sirrum (Ferretti, 1995; 1996).

<sup>10</sup> Segundo Van Gennep (1978: 31), os ritos de passagem se decompõem em *ritos de separação*, *ritos de margem* e *ritos de agregação*. Van Gennep (1978: 24) considera que, “entre o mundo profano e o mundo sagrado há incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário”.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1974) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- DURKHEIM, Émile (1989) *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas.
- FERRETTI, S (1995) *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EDUSP/FAPEMA.
- . (1996) *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA, 2ª Ed.
- FERRETTI, Sergio *et alli* (1977) *A Dança do Lélé: na Cidade de Rosário no Maranhão*. São Luís: SIOGE.
- FERRETTI, Sergio *et alli* (2002 [1979]) *Tambor de Crioula Ritual e Espetáculo*. São Luís: SIOGE, 3ª Ed.
- GINZBURG, Carlo (1987) *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LISBOA, João Francisco (1991) *Obras*. São Luís: Alumar, v. IV.
- PACHECO, Dom Felipe Condurú (1969). *História Eclesiástica do Maranhão*. São Luís: SENEC/DAC.
- POLLAK-ELTZ, Angelina (1989) *Las Animas Milagrosas en Venezuela*. Caracas: Fundacion Bigott.
- TURNER, Victor (1972) *Les Tambours D’Affliction: analyse des rituels chez les Ndembu de Zambia*. Paris, NRF. (Bib. des Sciences Humaines)
- VAN GENNEP, Arnold (1978) *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.